

# MULHER, SINÔNIMO DE TRABALHO

Papéis sociais, imaginário e identidade feminina  
na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul

---

Cleci Eulalia Favaro<sup>1</sup>

---

---

Embora o trabalho feminino desde os primeiros momentos do processo de ocupação e assentamento das famílias imigrantes de origem étnica italiana nos lotes coloniais da chamada Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (RCI), tenha representado importante fator econômico, seja no sentido da produção de trabalho, seja no da reprodução da força-trabalho, visando desenvolver a pequena propriedade rural, todo um discurso ideológico foi construído e sustentado durante décadas para manter as mulheres isoladas e distantes do espaço público e das instâncias de decisão.

No entanto, este não consistia em comportamento novo entre as populações estabelecidas a partir de 1875 na região em foco. Contingentes majoritariamente oriundos do Vêneto (sem ignorar a presença de populações das mais diferentes áreas do Setentrião Italiano) transplantaram para as terras de adoção um corpo de valores conhecido e absorvido no cotidiano, que, diante das vicissitudes do momento, encontrou espaço para aprofundar suas raízes, disseminando-as por todo o corpo social.

---

<sup>1</sup> Doutora em História. Professora de História na UNISINOS.

Bernardi<sup>2</sup>, estudando a relação entre comportamentos e imaginário das populações camponesas do Vêneto, afirma que “...marginalização econômica e marginalização cultural caminham juntas com frequência... Se se pode reconhecer tais diferenças no que se refere ao tratamento reservado à mulher na cultura dominante, também na cultura camponesa é o homem que ‘vai à praça’, que se apresenta como dirigente das relações externas. A mulher encontra seu grande momento para aparecer no núcleo da comunidade e tornar-se o centro das atenções com o casamento, pela beleza de ser esposa, cuja valorização culmina quando tem filhos.”

Na RCI o ideal feminino não era diferente: a garantia (relativa) de se constituir em objeto de certa forma valorizado no espaço doméstico estava longe de apoiar-se no cultivo de dotes intelectuais e nos cuidados com o próprio corpo. Na verdade, centrava-se no aprendizado e na prática constante da parcimônia “...no consumir, no sair, na alegria e na dor, mas não no trabalho: agulha e pano mantém a mulherzinha (em casa); a mulher ativa se realiza e se mantém ocupada com os trabalhos de agulha, fazendo milagres com qualquer paninho... Outro de seus deveres é o de ser (...) pobre, mas limpa, reservada e submissa” (ibid.).

A recusa em acatar as normas comportamentais vigentes implicava discriminação. Na realidade, era necessário muito pouco para ser rotulada, como na Itália, de *bruxa, velha, gorda, feiticeira* (ibid.).

A análise do discurso popular demonstra que a mulher socialmente aceita e valorizada era aquela que sabia *stare al suo posto, ficar no seu lugar*, representando os papéis tradicionais. Qualquer alteração desse precário equilíbrio entre o ser e o querer ser constituía um perigo, do qual era necessário precaver-se.

Mulheres destinadas pela “mãe/madrasta natureza” simultaneamente ao trabalho e ao serviço dos homens, a manifestação da presença de dotes intelectuais, a vontade de saber, a busca da satisfação dessa vontade eram sistematicamente podados já no seu nascedouro. Como dizia o provérbio antigo, “cuidado com o cachorro louco e com a mulher que sabe latim”.

---

<sup>2</sup> Bernardi, U. *Abecedario dei Villani*. Padova: Centro Biblioteche Villorba di Treviso, 1991, p. 195.

## O discurso da Igreja: obedecer, agradecer, trabalhar

Visando assegurar e manter o *status quo*, a Igreja outorgou-se o dever e o direito de aplicar diferentes formas de pressão sobre as pequenas comunidades imigrantes em formação na RCI. A família, núcleo social e econômico por excelência, devia manter a coesão interna e a imagem externa a qualquer preço, pois era por seu intermédio que o controle da sociedade se efetivava.

Segundo Goldschmidt<sup>3</sup>, a legislação eclesiástica, "...oferecendo o casamento como o 'remédio da concupiscência', deixava claros os limites da sexualidade permitida: só seria lícito o 'domínio dos corpos' que se seguisse ao matrimônio, como só seria reconhecida a prole que assim se originasse. Dessa forma, por família a Igreja entendia a família legítima, a que era fruto do casamento matrimonial. A sexualidade feminina em tal contexto deveria ser controlada, porque neste comportamento residia o limiar entre a honra e a desonra. A relação de reciprocidade entre os membros da família, que fazia com que uns fossem responsáveis pela 'honestidade' dos outros [sob pena de severas sanções], era um eficiente meio de preservar a moral institucional".

Tal foi o esforço imprimido pelo clero sobre as comunidades da RCI, no sentido da manutenção das regras e normas sociais a partir da ótica da Igreja, que, passadas várias décadas do início do processo migratório, embora em fase de relativo progresso econômico, os valores e as expectativas alimentados pelo grupo em relação à mulher e à família mantinham-se substancialmente iguais.

Os jornais católicos, de larga penetração no interior da região, eram porta-vozes eficientes na definição e manutenção dos papéis familiares tradicionais. Um artigo publicado em 1912 insistia no discurso, ao afirmar que a família "é a mais antiga, a mais universal, a mais perfeita das sociedades, é o modelo de qualquer governo".<sup>4</sup>

Reafirmando a hierarquia e a rigidez estrutural familiares, o artigo dispunha que, como o pai representa o poder, ele deve comandar. A mãe cabia o papel de ministro no governo da família, e o seu minis-

---

<sup>3</sup> Goldschmidt, E. M. "Virtude e pecado: sexualidade em São Paulo colonial". In: Costa, A. & Bruschini C. *Entre a virtude e o pecado*. Rio de Janeiro/São Paulo: Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 19.

<sup>4</sup> *Il colono italiano*, Garibaldi, 3/8/1912, p. 1.

tério se resume e se concentra em uma palavra, sacrifício. Ser mãe/ministro, no entanto, era um papel que implicava a anulação da própria vontade: "...A mãe não apenas ama a família, mas a ela se consagra com tal devoção, com tal espírito de abnegação, que não se pode conceber algo maior" (ibid.).

Tal desprendimento, tal abnegação, tal espírito de renúncia, certamente tinha um preço. Se a maternidade consistia em tornar-se o *santuário do sacrifício*, uma analogia poética e sublimadora transformava a mulher-mãe na *criatura que se assemelha a Deus*.

Ora, se ao homem fora concedido "*ad aeternum*" o direito de governar a família, de conduzi-la segundo sua vontade, tanto em termos sociais como econômicos, uma análise do discurso, diante da insistência e veemência com que era reprisado, permite afirmar que a condição de "submissão" das mulheres-mães aos maridos e, por extensão, à família, manteve-se praticamente inalterada até mais ou menos a década de 1950, principalmente nas áreas predominantemente rurais da RCI, por duas razões: em primeiro lugar, porque a mulher - observando-se a distância entre o discurso e a prática, nos relacionamentos inter-familiares - tinha plena consciência de que o poder exercido pelo chefe da família era formal<sup>5</sup>, externo; em segundo, porque tratava-se de uma submissão aparente, dado que, numa relação custo-benefício, o poder da mulher se exercitava em outra instância, ou seja, através da maternidade (esta bem mais eficaz), repetida sucessivamente ao longo de 15, 20 anos, gerando uma prole relativamente numerosa.

Esta condição, dando origem à figura tão conhecida da *mamma*, acabava por se constituir numa verdadeira rede de poder e dominação por parte das mulheres no interior da família, em especial a da mais velha. Apesar do desgaste físico, a maternidade capitalizava uma dupla vantagem, de ordem social e moral, simultaneamente obedecendo aos ditames da Igreja, promovendo socialmente o chefe da família e reproduzindo mão-de-obra barata.

No entanto, o verdadeiro capital oculto (no discurso, mas certamente não na realidade cotidiana) das mulheres-mães era o potencial de poder doméstico assinalado pela maternidade: ser mãe e, num se-

---

<sup>5</sup> Segundo inúmeros depoimentos que colhemos, acompanhado de extrema agressividade, de onde derivava a obediência através do medo, gerando, por sua vez, ódio, rancores, desejos de vingança.

gundo momento, ser sogra, viabilizava o exercício de um domínio muito mais denso e direto do que o poder do pai, porque efetivo desde o nascimento do primogênito e sempre mais ampliado, através dos casamentos dos filhos do sexo masculino. A maternidade proporcionava à mulher um espaço exclusivo para a prática, nem sempre sutil, das mais diferentes formas de pressão e coerção sobre todos os membros da família (inclusive o marido), encobertas pelo discurso do sacrifício e da renúncia.

A própria insistência na abordagem da questão da “santidade” inerente à condição de mãe sugere que as relações familiares, antes de serem afetivas e harmônicas, eram tensas, conflituadas e competitivas.

Numa sociedade em que o trabalho e a disciplina de todos os membros da numerosa família eram essenciais para a produção da sobrevivência (e à realização do sonho de “far la Merica”, fator que, evidentemente, gerava a competição, tanto inter-pessoal, como inter e intra-familiares), as condições para o desenvolvimento de relações sociais harmoniosas deveriam ser realmente escassas. Ao mesmo tempo, cabendo à mãe o papel de mantenedora da sobrevivência física da família, através do controle sobre a divisão do trabalho - papel que a colocava diretamente no centro dos conflitos familiares - pouco ou muito pouco espaço restaria para que ela se constituísse verdadeiramente em “uma fonte inexaurível de solicitude amorosa”.

Faz-se necessário considerar que lentamente a RCI se inserira no conjunto da economia do Estado, via viti-vinicultura. No entanto, em virtude de uma utilização inadequada e sistemática do solo, aliada a um intenso processo de desmatamento, em poucas décadas a agricultura passou a apresentar sinais evidentes de desgaste. Estes fatores, combinados com uma baixa capitalização da pequena propriedade, inviabilizavam, tanto a mecanização da lavoura quanto o uso de insumos.

Se o processo de ocupação e assentamento dos primeiros imigrantes nos lotes coloniais havia proporcionado a elaboração de planos familiares de ascensão social, via progresso econômico, a pulverização da propriedade, sucessivamente dividida entre os filhos varões, passava a exercer o conhecido papel de expulsor de mão-de-obra para

os núcleos urbanos, tornando-se o município de Caxias do Sul o grande foco de atração<sup>6</sup>.

A conjuntura da época exigia ainda uma intensa participação de toda a comunidade familiar. Enquanto na área rural a força-trabalho não-remunerada mantinha-se como fator indispensável, os núcleos urbanos em expansão e em fase de diversificação econômica demandavam a presença de pessoal nas oficinas, no comércio, nos serviços, embora auferindo baixos salários.

A situação internacional, de certa maneira, favorecia as iniciativas: investir e ousar eram palavras de ordem, abrindo espaços para os mais variados tipos de empreendimentos. O trabalho “intenso e infatigável” exigido das primeiras levas imigrantes voltava ao centro do discurso, com uma variante: agora o trabalho feminino adquiria uma relativa importância econômica e a voz das mulheres precisava ser ouvida.

Por outro lado, a oferta de trabalho nos núcleos urbanos em processo de expansão (embora mantendo os vínculos com a família rural) tornou-se uma contingência que acabou por se constituir em nova forma de valorização dos elementos do sexo masculino, uma vez que os ingressos em dinheiro deixavam progressivamente de depender das safras agrícolas (e do trabalho feminino na colônia, tal como na Europa, em períodos anteriores).

Como a instalação do modelo capitalista de produzir ainda não podia prescindir totalmente do suporte econômico da área rural, justifica-se a necessidade de intensificar tanto o mito do trabalho quanto o chamamento da mulher para o interior do sistema, inclusive como poupadora, mas sem abandonar o discurso tradicional. Um periódico local formalizava o discurso, enquanto reforçava os limites do espaço feminino: “O trabalho enobrece e exalta a creatura. Quem trabalha

---

<sup>6</sup> Ainda no governo de Borges de Medeiros representantes da RCI clamavam por medidas mais eficazes para o desenvolvimento da economia, de modo a permitir sua diversificação. A alternativa para os problemas do setor primário era o incremento da produção industrial, daí a urgência da instalação de energia elétrica, melhoria das comunicações e apoio oficial na conquista de mercados. A preocupação de empresários e políticos locais concretizou-se nas Festas da Uva, projetando a região nacional e internacionalmente. Uma vasta literatura foi produzida com o discurso dos grupos econômicos emergentes, de que o *Album comemorativo do 75o. aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul* é representativo.

cumpre a sua missão, obedece a vós do creador. Depois da castidade, o amor do trabalho é o primeiro que o homem deve procurar na companhia da sua vida. Enquanto a mulher laboriosa e econômica, não só conserva pequena ou grande fortuna, mas de dia em dia aumenta, ajudando o esposo, se sua posição é medíocre, ou tornando-o duplamente rico, se é abastado. Concedendo-lhe Deus a ventura de ser mãe, seus filhos e filhas educando-se por ella com o bom exemplo, principal incentivo para uma educação serão algum dia cópias de tão bello original. Elles (...) saberão escolher a mulher que como tal lhe convém: ellas farão como sua mãe, a ventura d'aquelles a quem se li-guem".<sup>7</sup>

O casamento, enquanto sociedade econômica, dispensava o afeto, uma vez que a economia gerenciava as relações e os interesses inter-familiares.<sup>8</sup> Um Decálogo Feminino, publicado em periódico local em 1927 o comprova:

1. Ama teu marido mais do que tudo no mundo.
2. Considera teu marido um hóspede de qualidade.
3. Tem sempre a casa em ordem e um rosto sereno.
4. Não peças o supérfluo.
5. Que os teus filhos estejam sempre limpos, asseados e tu também.
6. Lembra-te de que te casaste para boa ou má sorte.
7. Se o teu marido ainda tem mãe, lembra-te de que nunca serás boa demais para ella, que o emballou nos seus braços.
8. Não pedir à vida o que ella nunca deu a ninguém; se és útil, já te podes considerar feliz.
9. Tem fé no teu marido, elle terá coragem pelos dous.

<sup>7</sup> *O Estímulo*, Caxias do Sul, 2/9/1917, p. 2.

<sup>8</sup> Azevedo observa que "... o pai exerce, entre os colonos, um controle sobre as decisões dos filhos quanto à escolha de cônjuge, quanto à vida econômica e o comportamento pessoal, retardando-lhes a completa emancipação. Essa interferência autoritária opera como um requisito para a estabilidade da família e a sobrevivência do estabelecimento familiar, como unidade econômica, além de um preservativo da herança cultural. Essa transmissão da tradição tem um agente poderoso na *nonna*, a avó, que vive seus últimos anos com um dos filhos e, pois, com os netos, transmitindo-lhes a língua, as lembranças da terra de origem, os valores e concepções contidos na mesma tradição". Azevedo, T. *Italianos e gaúchos*. Porto Alegre: A Nação/DAC/SEC, 1975, p. 258.

10. Se elle se afasta de ti espera-o. Elle voltará, com certeza, para ti.<sup>9</sup>

Se até o início da década de 1930 cabia às mulheres imigrantes e suas descendentes o exercício de atividades no interior da casa (nas antigas sedes das colônias, agora em fase de intensa urbanização, tais como Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Antônio Prado, por exemplo) ou na pequena propriedade rural (tanto nas tarefas domésticas e no trato dos animais, como na agricultura), sua atuação foi progressivamente ampliada.

O setor têxtil - tal como ocorreu em outras áreas e épocas de implantação do modo capitalista de produzir - foi um dos espaços na economia rio-grandense que a RCI procurou ocupar, recrutando para seus quadros de operários também as mulheres. Embora com uma certa reserva (uma vez que o processo em andamento aumentou o êxodo, aprofundando as dificuldades na manutenção da pequena propriedade rural), a absorção da mão-de-obra feminina neste segmento produtivo constituiu-se em movimento relativamente fácil: mulheres habituadas a executar desde muito cedo as atividades domésticas de fiar, tecer e coser<sup>10</sup> - “qualidade” essencial para a realização de um bom casamento<sup>11</sup> - o trabalho nas tecelagens acabou por ser considerado uma extensão daquele realizado no espaço da casa, daí a relativa ausência de conflito no âmbito familiar.

No entanto, este recrutamento para o trabalho fabril não pretendeu que as tarefas tradicionalmente atribuídas às mulheres fossem repartidas com os homens. Da mesma forma, os ganhos do trabalho feminino, na forma de salário, passavam imediatamente para as mãos do chefe da família, fosse o pai, um irmão ou a própria mãe no exercício da função paterna.

O valor concedido à prática da poupança era tal que o medo do desperdício - melhor, da crítica e até da punição pelo descaso com os

---

<sup>9</sup> *O regional*, Caxias do Sul, 27/2/1927, p. 2.

<sup>10</sup> Dado o alto preço dos tecidos e o baixo potencial aquisitivo das famílias dos imigrantes, cardar, fiar, tecer, tornou-se exigência e tarefa que recaiu sobre os ombros femininos, na modalidade de sobre-trabalho. Realizado à noite, à luz de pequenos lampiões, em atividade solitária ou nos “filós”, constituiu-se em fator significativo na poupança familiar.

<sup>11</sup> Leia-se: economicamente vantajoso para a família do marido.



bens materiais - perpassava intensamente as diferentes instâncias sociais, e de modo especial entre as próprias mulheres<sup>12</sup>.

A partir do relato de uma operária, é possível perceber que a fase de preparo do enxoval era especialmente adequada para tais manifestações: “- Os lençóis e as toalhas eram feitos de sacas de açúcar, de algodão grosso, desmanchadas, alvejadas e depois emendadas. Como eu precisava de linha para fazer crochê na beira, a única forma de comprar era vendendo ovos, leite ou algum queijo, ou cestas de vime, trançadas tarde da noite, mas era tudo escondido do meu pai. Levei dez anos para ter um enxoval ‘decente’. Mas, graças a Deus, nunca pedi nada para a família do meu marido”.<sup>13</sup>

A necessidade de exercer uma atividade remunerada fora da casa ou do lote rural acentuou o discurso misógino de controle sobre a conduta feminina.

Até mesmo um jornal - que se dizia defensor de novas idéias e de maior participação dos jovens no contexto político local e regional<sup>14</sup> - reforçava o discurso da incapacidade feminina na gestão de seu próprio destino, quando afirmava que “todas as mulheres têm na vida uma hora perigosa. Essa hora decide sua existência inteira. É a ‘Hora do Diabo’. É o instante de fragilidade em que sucumbem para sempre, ou para sempre se salvam. O seu triunfo ou a sua perda dependem menos delas do que do homem que nesse instante lhes perturba a inteligência ou os sentidos. Si é um homem digno, estão salvas. Si é um miserável, estão perdidas”.<sup>15</sup>

Às vésperas da segunda metade do século XX, na RCI, o arbítrio masculino ainda determinava o destino das mulheres, embora os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial as estivesse convocando

<sup>12</sup> Relembrando os primeiros anos de seu casamento, realizado através de um acordo entre o próprio pai e um amigo italiano, uma depoente conta que, recebendo do marido alguns metros de algodão para confeccionar roupas para a família, usou parte do tecido para fazer bonecas. O marido, vendo naquele ato um gesto de desperdício, tornou-se agressivo, qualificando-a de irresponsável. Dezenas de anos depois, desculpando-se, como se tivesse cometido uma falta grave, exclamou: “Eu tinha só dez anos!”. Depoimento de D. R. M., Veranópolis, s/data. ALADB.

<sup>13</sup> Depoimento de R. T. C., Farroupilha. ALADB.

<sup>14</sup> *A Época*, publicado em Caxias do Sul entre 2/10/1938 e 19/8/1956, definia-se como um “jornal da mocidade em prol das aspirações coletivas”, de orientação nacionalista e pró-Getúlio Vargas.

<sup>15</sup> *A Época*, Caxias do Sul, 9/7/1939, p. 4.

a assumirem um papel econômico e político, o movimento feminista recrutasse inúmeras adeptas em todo o mundo ocidental e o Socialismo exaltasse a participação feminina no processo revolucionário (muito mais retórica do que efetivamente). A mulher continuava a definir-se e a ser definida em relação ao homem: “A mulher que foi a perdição para o pai Adão, para Sansão a morte e para Salomão uma vingança, é para o médico um corpo, para o juiz uma ré, para o pintor um modelo, para o poeta uma flor, para o militar uma camarada, para o padre uma tentação, para o enfermo uma enfermeira, para o romântico uma heroína, para o versátil um brinquedo, para o gastrônomo uma cozinheira, para a criança um colo, e para o noivo um desejo”.<sup>16</sup>

### A difícil construção da identidade

O que seria então uma mulher, por e para ela mesma? Certamente não se incluía no rol dos “construtores de cidades”, tão típico do ideário imigrante. Esse papel era reservado aos homens.

No entanto, o processo de industrialização, associado a uma urbanização crescente, acelerava os contatos com outras comunidades, acumulando informações e modificando gradativamente usos e costumes.

Pitanguy (1982:65-66) observa que “no processo social de construção da identidade de gênero demarcam-se espaços - público e privado - próprios a cada sexo: ao homem o espaço externo, à mulher o espaço doméstico (...). Tais espaços, demarcados a nível concreto, são sobretudo marcos de referência na representação simbólica do feminino e do masculino.”

Ora, os modelos de representação do feminino começavam a sua lenta caminhada para a mudança, não sem intensos, contraditórios e muitas vezes hostis posicionamentos, uma vez que rompiam de certa maneira com o modelo tradicional vigente: “A nós, cronistas de modas, às grandes casas comerciais, e se possível à polícia de costumes compete batalhar para que a mulher compreenda que ela pode ser esportiva sem ser vulgar (...), vestir-se comodamente sem ficar feia e desleixada, e que antes de tudo precisa ser mulher, usando tudo o que o homem criou para o seu luxo, para a sua vaidade, para sua beleza,

---

<sup>16</sup> *A Época*, Caxias do Sul, 10/12/1939, p. 2.

para o seu esplendor e para a alegria da vida porque, realmente, um tipo de mulher moderna vestida dessa forma bizarra em meio de um caminho deserto pode perigar em levar um tiro, alguém pode julgá-la um espantalho de passarinho.”

Se a mulher não era a construtora de vilas e cidades, também não lhe era concedido o direito de produzir sua própria imagem.

Que papel, então, condizia socialmente com o feminino, imposto e assimilado num mesmo e único processo?

Analisando o discurso da Igreja, dos grupos dirigentes, da Escola e o das próprias descendentes dos imigrantes de origem italiana da RCI, inclinamo-nos pela aceitação de que, como as populações transplantadas provinham de áreas interioranas do norte italiano (embora não necessariamente agrícolas), os traços culturais referentes às relações familiares que prevaleceram foram aqueles vigentes no *hinterland* mais tradicional e refratário a mudanças.

Se nas primeiras décadas do processo de ocupação dos lotes coloniais era de fundamental importância a organização do trabalho e da produção para a sobrevivência do grupo, bastava a autoridade paterna exterior e a autoridade materna doméstica para a manutenção da coesão da família extensa.

Eram de tal monta as tarefas a realizar e tão elevado o nível de expectativa das famílias imigrantes<sup>17</sup>, que não deveria haver muito espaço para a exacerbação das diferenças, uma vez que as responsabilidades eram distribuídas entre todos (embora não as benesses).

Os conflitos familiares, as profundas diferenças no relacionamento dos pais com seus filhos (inclusive do sexo masculino), as frequentes e muitas vezes violentas rupturas dos vínculos familiares - posteriores ao falecimento dos pais - e a insistência com que o discurso enfatizava a harmonia e o amor familiar (cuja responsabilidade de manutenção recaía sempre sobre a mulher), sugerem que, à medida que aquela sociedade abandonava sua tradição rural, voltando-se para

---

<sup>17</sup> A intensa propaganda desenvolvida pelos governos interessados na imigração, e, em vários momentos, pelo próprio governo italiano, alimentava o imaginário coletivo com visões fantásticas do “país da cucagna”, onde moedas de ouro brotavam das árvores. Embora a realidade tivesse golpeado a imaginação, os imigrantes tiveram como alternativa lutar pela sobrevivência ou morrer. No entanto, à medida que os problemas encontravam solução, renascia no ideário do grupo a antiga expectativa do sucesso material e social.

a industrialização, mais necessário se fazia o reforço aos valores burgueses.

Essa situação de ambivalência certamente gerava intensos conflitos familiares, cuja solução era colocada na habilidade e não raro na autoridade da mãe sobre os filhos e o marido. Se exitosa, a mulher sentia-se compensada pelos sacrifícios dela exigidos; fracassando, o sentimento de culpa pesava-lhe como uma mortalha. Daí talvez a busca de alívio na religião (o que reforçava a ascendência do clero sobre as famílias) e no trabalho<sup>18</sup>. A mulher-mãe, portanto, não era, nem poderia ser, a “fonte inesgotável de amor, abnegação e renúncia”, daí a necessidade de manter, ao menos ao nível do imaginário coletivo<sup>19</sup>, a figura feminina idealizada.

As próprias mulheres, por sua vez, contribuíam em muito para acentuar e reforçar com seu discurso, com a “fala” feminina, aquela imagem de pureza, santidade e subserviência, tanto em seu papel em relação ao homem, como à família.

### “Rebeldias”: a fuga dos padrões convencionais

Paiva<sup>20</sup> refere que o período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial pode ser caracterizado como um “contexto de gradativa perda de legitimidade da consciência patriarcal característica da tradição judaico-cristã [em que] as transformações ganharam uma velocidade muito grande e alguns dos modelos tradicionalmente estruturados para socialização, tanto os de simples aceitação quanto os de rebeldia, foram perdendo a nitidez, a eficácia adaptativa e até mesmo contestatória”.

Se o comportamento das mulheres da RCI traduz a aceitação dos traços culturais de origem imigrante, acrescidos de outros construídos no cotidiano de quase um século de vida na terra de adoção, a “rebeldia” deve ser encarada sob o prisma do desenvolvimento econômico regional e pela relativa “abertura” que a instalação de um

<sup>18</sup> Inúmeros depoimentos de mulheres justificam a embriaguês feminina como forma de atenuar o sofrimento e a culpa dos revezes conjugais e familiares (e não raro, também econômicos).

<sup>19</sup> *O Momento*, Caxias do Sul, 2/5/1941, p. 1.

<sup>20</sup> Paiva, V. *Evas, Marias, Liliths... As voltas do feminino*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 11.

número crescente de escolas proporcionava às jovens, na busca de uma atividade profissional (sem deixar de qualificar o casamento como profissão primeira).

Identificado como um período de transição, a década de 1930 tornou o processo irreversível, mas extremamente contraditório: se na área rural o poder da mãe-sogra ainda era incontestado, nas áreas urbanas sofria as conseqüências da reorganização da estrutura familiar para o trabalho fabril. Paralelamente, se o exercício de um certo poder feminino no espaço doméstico era perturbador, no espaço público o era ainda mais<sup>21</sup>: “As mulheres estão, aos poucos, conquistando as mesmas prerrogativas dos homens. Nós éramos um dos povos que teimávamos em lhes negar a equiparação que ellas reclamavam exibindo uma verdadeira multidão de argumentos. A revolução de trinta deu-lhes direitos quase iguais aos dos homens. De sorte que hoje não é nenhuma estranheza surprehender uma mulher no desempenho de qualquer missão que era, alguns mezes atrás, privativa dos homens”.

Diante de uma nota aparentemente neutra, o articulista depositava as dúvidas e temores da época: “...O caso será resolvido favoravelmente? Estamos numa época das conquistas femininas e nada é portanto, de admirar”.<sup>22</sup>

Apesar dos protestos, das ironias, das inseguranças, do medo sempre presente, é possível constatar que a imagem feminina passava por um processo de reconstrução; sensibilidade, personalidade, autoconfiança, equilíbrio transformavam-se lentamente em qualidades.

## Mulher: sinônimo de trabalho

A eclosão da Segunda Guerra Mundial, interrompendo o comércio com a Europa, ao invés de atingir a RCI de forma negativa, exerceu, ao contrário, um papel extremamente importante, no sentido de seu desenvolvimento econômico: é que desde a primeira fase de governo de Getúlio Vargas a economia regional passava por um processo de diversificação, voltando-se progressivamente para o setor secundário.

---

<sup>21</sup> *Caxias-Jornal*, Caxias do Sul, 17/5/1933, p. 2.

<sup>22</sup> *Ibid.*

O novo conflito armado encontrava um segmento da sociedade já voltado para a produção industrial, tendo em Caxias do Sul tanto um centro irradiador do modelo econômico em implantação quanto um pólo de atração dos excedentes populacionais, seja da zona rural imigrante, seja de outras áreas do Estado.

Dispondo desde o final da República Velha de um razoável contingente de mão-de-obra assalariada, na maior parte proveniente da própria região, as lideranças empresariais encontraram na força-trabalho local o suporte necessário para a realização de uma capitalização rápida e relativamente sem conflitos. É que os valores, as expectativas e a visão-de-mundo do capital e do trabalho se sobrepujam, dado que as raízes étnico-culturais eram as mesmas.

Numa situação de guerra externa, a comunidade inteira foi chamada para a produção sob a bandeira do velho sonho de “far la Merica” retomado pelo discurso ufanista dos políticos em apoio ao empresariado. A separação legal e definitiva entre capital e trabalho eclipsava progressivamente do imaginário do operariado a figura do pai, representada pelo dono da antiga “oficina”. Rompia-se a imagem do pai-patrão, ameaçando seu poder. Daí a necessidade de um discurso laudatório, enaltecedor da etnia e dos valores culturais e morais dos ítalo-brasileiros, visando à manutenção, no imaginário coletivo, da idéia de unidade: o sucesso econômico deixava de ser objetivo do indivíduo ou da família, para se concretizar no progresso da RCI<sup>23</sup>, frente às demais regiões do Estado e mesmo do País.

Apesar de todo o discurso, dos apelos à solidariedade e ao sacrifício de todos em prol do bem-comum, as idéias socialistas ampliavam suas bases entre o operariado local. A solução política adotada pelo empresariado para neutralizar seus efeitos foi a abertura do mercado de trabalho para as mulheres, sob a bandeira da responsabilidade e da igualdade: “A mulher brasileira não deve e não pode cruzar os braços, diante do panorama político-econômico-social do País. Ela deve exigir também as suas reivindicações. A emancipação da mulher no mundo de após a guerra será indispensável ao progresso e evolução da humanidade (...) conforme os ditames científicos da produção, que requer uma conjugação de todas as suas forças no sentido de um melhor e maior desenvolvimento econômico-social dos mesmos povos.

---

<sup>23</sup> Evidentemente, os resultados materiais do sucesso não seriam socialmente distribuídos.

(...). Portanto, no mundo melhor e livre de amanhã, a mulher não poderá ainda ser escravizada e oprimida pelos preconceitos estúpidos de uma era vetusta e que já morreu. E assim, a mulher brasileira neste momento (...) não pode ficar indiferente sem exigir o que lhe é de direito”.

O “valor” da mulher passava a ser enaltecido em todas as oportunidades possíveis, através de um discurso que objetivava neutralizar a organização da classe operária (até então, eminentemente masculina) na conquista de melhores condições de vida e de trabalho, via melhores salários.

A presença de uma força-trabalho feminina, incipiente e despreparada para o trabalho assalariado, forçava o questionamento sobre seu real papel econômico. Numa linguagem sugestiva, tanto pela imagem produzida, quanto pelo endereçamento, lia-se em um jornal local: “As mulheres pouco valem, dizem, porque há no planeta mais de vinte delas para cada pinto calçudo (...). Mas Mme. de Stäel, perspicaz e inteligente como poucos homens, comentava que na verdade a mulher, como a palha com que se encaixotam porcelanas, nada vale. Mas que, sem essa palha que nada vale, as porcelanas se quebrariam”.<sup>24</sup>

Uma outra leitura da nota poderia apontar para o significado potencial da palha enquanto voraz propagadora do fogo, daí a importância do discurso da imprensa e da Igreja, no sentido de refrear o processo de conscientização, ao menos de um segmento da sociedade (aquele que não era forçado pelas necessidades econômicas a buscar no mercado de trabalho as condições de sobrevivência).

Através de um jornal de ampla circulação em toda a RCI<sup>25</sup> a Igreja deixava clara a sua visão-de-mundo e do movimento feminista em processo de expansão: **Feminismo**. Este vocábulo novo significa a emancipação completa da mulher. É uma novidade palpitante do século XX, século de anarquia, com que ninguém mais quer aceitar o lugar marcado pela mãe natureza<sup>26</sup>. A mulher espevitada de hoje proclama, alta voz, a sua igualdade de direitos com o homem. É o feminismo extremista que propugna igualdade absoluta de direitos entre os ho-

<sup>24</sup> *O Momento*, Caxias do Sul, 11/8/1945, p. 3.

<sup>25</sup> *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 31/10/1945, p. 3.

<sup>26</sup> A insistência em manter a condição de inferioridade das mulheres como “natural” é evidente, ignorando por completo o papel exercido pela cultura na preservação do conceito.

mens e as mulheres; iguala a mulher ao homem em tudo, sem sombra alguma de inferioridade e de submissão. Esta teoria é falsa, por ser contrária à lei de DEUS e à lei da NATUREZA. DEUS NOSSO SENHOR criou antes o homem e depois a mulher; não vice-versa. Constituiu Rei da Criação o homem e não a mulher. Os Livros Sagrados dizem que a mulher foi criada como um ser ‘auxiliar’ do homem, não como um ser ‘igual’ em tudo a êle. A lei de DEUS exclue a mulher do sacerdócio como demasiada honra para ela; e reserva essa altíssima dignidade só para o homem. Todas estas razões provam claramente que DEUS não sanciona a igualdade absoluta reclamada pelas paladinas do feminismo”.

A rígida separação entre espaço público-masculino e espaço doméstico-feminino mantinha-se praticamente inalterada, apesar das profundas transformações decorrentes do processo econômico em desenvolvimento, transformações que afetavam, sem dúvida, a vida familiar em geral e a das mulheres, em particular. A culpa, ainda uma vez, recaía sobre as transgressoras: “O seu lugar é o lar doméstico; a sua missão é ser mãe de seus filhos e espôsa de seu marido (...). Qualquer coisa que venha atrapalhar esta grande missão natural da mulher deve ser considerada moralmente má e condenável”.

Após tantas críticas, a Igreja lançava, finalmente, um libelo contra o movimento das mulheres, retomando o velho e desgastado discurso da questão Cultura x Natureza: “Ora, é coisa vista que o feminismo radical lança a mulher na impossibilidade de cumprir esta missão: pois é impossível cuidar do governo dos filhos ao mesmo tempo. Logo, o feminismo radical é condenado pela lei da NATUREZA”.<sup>27</sup>

O texto, ao nosso ver, representa o receio do clero católico, diante da possibilidade de ser privado, mesmo que de forma relativa, do poder até então exercido sobre as mulheres da região (e, por seu intermédio, sobre as famílias). Num momento da história em que ocorriam profundas modificações na economia<sup>28</sup> em nível mundial, o afastamento temporário das mulheres do espaço doméstico - visando o exercício de uma atividade remunerada - implicava a concessão (e a

<sup>27</sup> *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 31/10/1945, p. 3.

<sup>28</sup> Mesmo consciente de que era a questão econômica o fator gerador das mudanças em andamento, a igreja jamais ousaria confrontar-se com as outras instâncias do poder. Mais fácil, mesmo porque sempre praticado, era depositar a culpa sobre os ombros femininos.



posse!) de uma certa liberdade de movimentos e de tomada de decisões, comportamentos até então considerados inaceitáveis (no discurso), principalmente entre as populações interioranas, distantes dos grandes centros urbanos.

Nas palavras de Prandi<sup>29</sup>, enquanto “instituição de dominação, a presença da Igreja (...) encontra-se colada à instituição familiar, dentro dela e através dela. A presença do poder de controle da Igreja no interior da família foi enfraquecida, contudo, na medida em que mudanças decisivas na organização do trabalho e da sociedade em geral acarretaram um necessário esvaziamento da tradição católica na orientação do comportamento em nível individual e familiar. Por outro lado, a tentativa de se manter como fonte de controle e orientação, agora através da família, se revela como nova estratégia, segundo a qual a Igreja se transmuta de agência de dominação meramente ideológica em agência de organização em nível de uma prática social que privilegia a sociedade civil em contraposição ao Estado”.

Mesmo identificado como fator de insegurança e incerteza para os homens e para a Igreja, o ingresso cada vez mais intenso das mulheres no mercado de trabalho viabilizava oportunidades de novos contatos, de aquisição de novas idéias, de reflexão em torno da realidade vivida. No entanto, essa situação não significava mudanças substanciais individuais; menos ainda, no terreno das mentalidades coletivas.

Se autonomia feminina era um termo assustador, independência econômica era condição quase impossível, embora algumas mulheres demonstrassem consciência, tanto da sua nova condição, quanto dos problemas por ela provocados: “Há muita gente que emprega a expressão ‘mulher moderna’ em sentido pejorativo. Isso nasce de uma concepção errada que se faz da palavra modernismo. Uma mulher pode viver a época atual sem desmerecer no conceito dos que não se afastam das restrições impostas pela moral. É evidente que, para tanto, ela tem de levar uma vida diferente da que levavam suas avós. Em vez de contar com os outros, ela deverá contar consigo mesma - o que implica aumento das responsabilidades por um lado; mas por outro representa o desenvolvimento da sua personalidade, o seu soergui-

---

<sup>29</sup> Prandi, R. “A família para a igreja”. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 37/1991, p. 91.

mento para um nível muito superior ao que podiam desfrutar suas avós”.<sup>30</sup>

Quisessem ou não, as mulheres estavam sendo, em nível e em número, absorvidas pelas engrenagens do sistema produtivo, não lhes restando outra alternativa, a não ser a simples aceitação da realidade vivida. A sociedade passou, então, a construir a imagem da nova mulher de origem étnica italiana. Os antigos valores, como trabalho, honra, virtude, eram agora vestidos com novas roupagens.

No entanto, enquanto o discurso enaltecia a figura feminina, “digna de todos os tributos e louvores (...) pela sua inconfundível beleza e também porque colabora eficientemente na grande e diuturna obra de elevar sempre e cada vez mais o bom nome desta encantadora terra”<sup>31</sup>, o mesmo discurso mostrava com absoluta clareza que essa participação não a eximia das tarefas domésticas convencionais.

Agora as mulheres estavam também nas fábricas, oferecendo sua “exaustiva e dignificante contribuição; no balcão, atraindo para o Comércio a clientela que se curva agradecida ante as atenções cativantes das suas gentilezas e da fidalguia de suas maneiras; nas Escolas, aprimorando almas, formando caracteres e fazendo luzir inteligências”.<sup>32</sup>

No entanto, não podiam, absolutamente, abdicar dos papéis sociais tradicionais. Apesar dos avanços, exigia-se sua presença efetiva no ambiente doméstico visando “manter a família saudável, feliz e cordata”.<sup>33</sup>

Comerciária, professora, operária ou camponesa, qualquer que fosse sua atividade fora do espaço doméstico, qualquer que fosse a sua contribuição efetiva na manutenção da família (e quantas eram chefes de família!), o valor de uma mulher era medido ainda por padrões impostos pelo discurso dominante: “Embora a mulher por força de circunstâncias<sup>34</sup>, tenha de modo geral, uma esfera mais estrita e mais apagada que o homem, é no ambiente familiar que ela demonstra o seu valor (...). O dever de toda mãe é orientar a sua filha, educando sua responsabilidade, a fim de que, em qualquer condição de vida

---

<sup>30</sup> *Diário do Nordeste*, Caxias do Sul, 9/9/1951, p. 3.

<sup>31</sup> *A Época*, Caxias do Sul, 16/10/1949, p. 5.

<sup>32</sup> *A Época*, Caxias do Sul, 16/10/1949, p. 5.

<sup>33</sup> *Diário do Nordeste*, Caxias do Sul, 19/10/1951, p. 3.

<sup>34</sup> Portanto, um fator cultural e não natural.

futura, longe da casa de seus pais, ela possa cumprir fielmente a sua missão, seja qual for a situação que se apresente”.<sup>35</sup>

A realização suprema dos ideais femininos continuava creditada ao casamento, “sonho dourado de toda mulher (...) que aspira (...) à felicidade maior de amar e ser amada, constituir um lar, ter filhos e desfrutar na sociedade uma situação definida”.<sup>36</sup>

“Por força das circunstâncias”, entretanto, não era mais admissível eclipsar do discurso dominante o papel econômico das mulheres, enquanto agentes da formação da riqueza regional. A realidade obrigava a construção de uma nova paisagem para a presença das mulheres no espaço do trabalho: “Foi a mulher que serviu de pedestal à glória dos homens que construíram Caxias. Através dos tempos não tem sido outra a tarefa da mulher caxiense. O cascatear de seus risos repercute por sob os vinhedos pletóricos, nas tardes da vindima. O colorido sadio de suas faces é um convite alegre, nas manhãs banhadas de sol e de perfumes silvestres. Lá está ela, na imensidão da terra amiga, abrindo as mãos em gestos largos, na tarefa do semeador. Lá está ela, em meio à seara ondulante e loira ceifando o trigo. Lá está ela, tangendo o gado para o curral ou conduzindo a carreta pelas estradas estreitas da colônia. Lá está ela, nas primeiras feiras da nova comunidade (...). Lá está ela, no recesso do lar amigo e confortador, cumprindo seu mais belo e legítimo apostolado de dona de casa. Curioso é notar como, na Caxias moderna, as mulheres participam ativamente com seu trabalho, em todos os setores de atividade. Não há praticamente (...) a indolência feminina (...). Parece que as mulheres abdicaram de suas prerrogativas de vaidade para incorporar-se à obra realizadora da cidade”.<sup>37</sup>

Mulher, sinônimo de trabalho!

---

<sup>35</sup> *Diário do Nordeste*, Caxias do Sul, 26/10/1951, p. 5.

<sup>36</sup> *Diário do Nordeste*, Caxias do Sul, 26/10/1951, p. 5.

<sup>37</sup> *Diário do Nordeste*, Caxias do Sul, 14/2/1954, p. 6.